



Sensacionalismo, Violência e Sangue: um Jornal à moda do Notícias Populares¹

Carlos Alberto de Souza²

Resumo

Analisar o tratamento dado pelo Diarinho (Jornal da região do Vale do Itajaí/SC) às notícias que abordam a violência foi o objetivo desta pesquisa. O jornal costuma apelar ao sensacionalismo, especialmente na capa, para atrair a atenção dos leitores, deixando de lado as preocupações éticas quando publica textos e imagens sobre violência. A equipe do jornal utiliza-se de cenas dramáticas e grotescas e outros recursos para ludibriar seus leitores e ‘vender’ as reportagens. A investigação priorizou a abordagem qualitativa e as técnicas da Análise de Conteúdo. A base para a reflexão é apoiada em teóricos que tratam de temáticas ligadas a fotojornalismo, sensacionalismo e ética jornalística. A pesquisa empírica envolveu a análise de 32 jornais, publicados no período de maio a julho de 2007.

Palavras-chaves:

Jornalismo impresso; Fotojornalismo; Ética; Violência; Sensacionalismo.

Introdução

O Jornal “Diário do Litoral” foi fundado em janeiro de 1979 por Dalmo Vieira. Apesar de seu falecimento, em 22 de março de 2004, o Diarinho, como é conhecido em Santa Catarina, continuou a circular em várias cidades e a enfrentar abertamente os poderes constituídos (municipais e estaduais). Ao longo de sua trajetória, caracterizou-se por uma linha agressiva, popularesca e sensacionalista, a exemplo do famoso Jornal Notícias Populares de São Paulo. Utilizou-se da mesma fórmula no NP para atingir popularidade e se manter em circulação.

Diferente de outros impressos que circulam no Estado, o Diarinho não se preocupa com as normas da língua portuguesa e nem com as regras do bom jornalismo. Raramente leva em consideração a ética jornalística na formulação de manchetes, textos e fotos. É comum, por exemplo, abrir uma foto de capa e manchetes sobre crimes como

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor doutor e pesquisador do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)². Este trabalho foi desenvolvido em conjunto com a bolsista de iniciação científica do Curso de Jornalismo, Susan Deeke Graf, do Laboratório de Mídia, Cultura e Estética da Univali e contou com a colaboração do Jornalista Alexandre Casionato Gomes.



forma de atrair, ludibriar o leitor, já que o conteúdo interno nem sempre é explorado devidamente.

Embora Dalmo quisesse produzir ‘um jornal sério’ no início de suas atividades, logo passou a valer-se de uma linha mais agressiva, polêmica e ‘popularesca’ a fim de sobreviver no mercado, conforme Sommer e Golembiewski (2005). O próprio jornal (DIARINHO, 2004) admite utilizar a polêmica e combinar a linguagem do nativo a palavrões para alcançar sucesso editorial. Um sucesso que vem se consolidando a cada ano e que pode ser expresso na venda de exemplares – 10 mil nos dias de semana e 11 a 12 mil nos finais de semana.

A linguagem apelativa do Diarinho é complementada por fotos que nem sempre deveriam ser publicadas. Morte, sangue, violência são os assuntos preferenciais. Texto e fotos são ingredientes necessários para a “motivação” do leitor. Corrupção política, conflitos e crimes são pratos cheios para os redatores que trabalham no periódico. Tomando em conta a análise desenvolvida nesta pesquisa, é possível afirmar que o tema violência é central. O jornal, com periodicidade diária, potencializa as desgraças humanas em sua capa e na editoria de polícia e o assunto só é colocado em segundo plano quando é descoberto algum esquema de fraude, de corrupção na política local (região do vale do Itajaí) ou estadual.

O jornal faz uso indiscriminado de imagens violentas, muitas das quais questionadas eticamente, especialmente as que abordam a morte, por meio de representações fotográficas que abrem espaço a cadáveres. Embora adote uma postura ética questionável, com a exibição de conteúdos chocantes, o jornal tem boa aceitação junto ao público, chegando, em algumas situações, a ultrapassar o número de vendas dos veículos mais tradicionais, como o Jornal de Santa Catarina, por exemplo, como observa Santos (2007).

A política editorial do Jornal reserva à capa e mais três páginas a assuntos de polícia. É comum nesse espaço se fazer uso da linguagem clichê. Esta, segundo Angrimani (1995), é baseada na exaltação de acidentes, catástrofes, violência doméstica, crimes e prisões. Ou seja, em tudo aquilo que atrai e faz com que o leitor se identifique por meio da fusão inconsciente dos fatos que presencia nas páginas do periódico. Outra forma encontrada pelo jornal de apelo popular, é a promoção do sentimento de ‘justiça cumprida’. Em boa parte da capa e textos, abre-se espaço à prisão de bandidos e traficantes e isso cria, junto ao público, a ideia de que o Diarinho faz seu papel na solução da criminalidade (uma criminalidade que ele mesmo potencializa, mas



que não corresponde à realidade: a cidade de Itajaí não é tão violenta quanto a do Rio de Janeiro e São Paulo. O jornal, desta forma, acaba fazendo um papel duplo – cria o pânico e, ao mesmo tempo, tranquiliza as pessoas, quando faz o registro da prisão ou morte dos bandidos.

A exploração da violência

A ênfase da pesquisa é no fotojornalismo. O instrumental metodológico, adotado nesta Análise de Conteúdo, permite interpretações sobre a imagem, permite revelar os sentidos que se quer mostrar, as intenções que estão por trás da mensagem e o que se procura esconder (BARDIN, 2000). Claro que para perceber isso, é necessário fazer um trabalho investigativo, conhecimento prévio da literatura e experiência em pesquisa.

A primeira constatação, ao folhear o jornal, é a ênfase na violência³ e isso se evidencia de várias formas: espaço destinado na capa, quantidade de chamadas, localização das matérias em cada edição e valorização das fotos que ilustram e exploram violência e os dramas humanos. Por isso, a Polícia é a principal editoria do jornal, juntamente com Esporte e Opinião. Elas constituem o tripé do periódico – sangue, ‘fofoca’ e esporte/lazer. A capa, é o chamariz e está recheada por bandidos, policiais e crimes brutais.

A capa, é bom salientar, deve ser vista como uma imagem que merece ser analisada, a exemplo da vitrine de qualquer loja que procura mostrar o que está à venda. E o que vende o Diarinho? Ele vende denúncias, crimes e criminosos, mortes, desastres, injustiças e dramas sociais. Como será possível ver adiante, dos 32 exemplares analisados, 28 deles (87,75%) têm como manchete principal temas vinculados à violência e uma média de 80% das chamadas de capas (normalmente são sete a oito) dizem respeito ao assunto.

A exploração da violência é comum na mídia impressa e eletrônica. Os veículos que extrapolam o seu direito de divulgar, alinhados a ótica sensacionalista⁴, acabam cometendo diversos deslizes jornalísticos.

³ Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (YVES, 1989, p.11)

⁴ Sensacionalismo, de acordo com Angrimani (1995, p. 17), é a produção de notícias que extrapolam o real e que supervalorizam fatos que nem sempre são importantes. A narrativa (sensacionalista) transporta o leitor: “é como se ele estivesse lá, junto ao estuprador, ao assassino, ao macumbeiro, ao sequestrador, sentindo as mesmas emoções [...]”. A dramatização do relato faz com que o leitor viva o acontecimento como se fosse o protagonista do que está sendo narrado. Explica, ainda, que sensacionalismo e credibilidade se repelem. São incompatíveis.



Ética acima de tudo

Vários autores da área têm chamado a atenção para os deslizes mais comuns e o Código de Ética Jornalística, também, adverte sobre a postura profissional diante de determinados acontecimentos. Por exemplo, o artigo 13 desta normativa diz que: “O jornalista deve evitar a divulgação de fatos: a) Com interesse de favorecimento pessoal ou vantagens econômicas; b) De caráter mórbido e contrário aos valores humanos.”

Estas ‘regras’ éticas acabam sendo desrespeitadas pelo jornal. A primeira, porque a intenção dos proprietários e dos editores é, ao explorar a desgraça humana e a violência, manterem o ‘seu empreendimento’. É ‘vender’ o jornal. A venda de exemplares parece estar acima de tudo, especialmente do interesse público. O mesmo se pode dizer em relação ao segundo item ‘b’, pois é comum neste veículo a divulgação de matérias que têm como ponto central o caráter mórbido.

Outro artigo do código de ética que chama a atenção é aquele de diz que o jornalista deve “ouvir sempre, antes da divulgação dos fatos, todas as pessoas objeto de acusações não comprovadas, feitas por terceiros e não suficientemente demonstradas ou verificadas”. A normativa observa que é preciso “tratar com respeito todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar”. O Diarinho tem esta preocupação? Não.

Conforme Karam (2004, p. 31) “deve-se priorizar a relevância social na divulgação jornalística e ter o cuidado com o uso indevido de imagens para não ferir o interesse público e a ética jornalística”. Se nem tudo o que acontece é digno de virar notícia, o mesmo pode-se dizer em relação às imagens, já que também nem tudo o que é registrado pela câmera fotográfica pode ou deveria ir à público. É essa sutileza na criterização do valor-notícia, segundo o autor, que deve ser exigida do fotojornalista. Este deve selecionar o que é conveniente ao leitor e o que é desnecessário, superficial ou inoportuno.

Em praticamente todos os códigos de éticas jornalísticos, a verdade deve estar acima de tudo. Como observa Barros Filho (2003, p. 38), “a verdade é condição primeira da informação”. Por isso, defende a necessidade de matérias bem apuradas, pois como salienta “o professor Navarra: ‘se a informação não é veraz, ou se carece de maior exatidão possível, não é informação’”.

Além do respeito à verdade, há outros elementos que devem constituir a objetividade informativa e que têm sido defendida por muitos teóricos da área como,



por exemplo, a imparcialidade e checabilidade. Claro que no exercício da profissão e do fazer jornalístico há muitas preocupações que se deve levar em conta. Dentre as preocupações estão aquelas de caráter ético: verdade, independência, respeito às fontes, imparcialidade. Bucci (2000, p. 25) observa que a ética jornalística não é apenas um atributo intrínseco do profissional ou da redação, mas é, acima disso, um pacto de confiança entre a instituição do jornalismo e o público [...]”. Contudo, este pacto nem sempre é respeitado, pois há muitos interesses em jogo na produção de notícias e informações em uma sociedade regida por competição e lucro.

É neste contexto de competitividade entre as empresas do ramo que acaba transparecendo a falta de compromisso com o seu público e abusos na hora de informar. Bucci (2000) relaciona vários pecados éticos praticados no jornalismo, tomando em conta a “classificação” de Paul Johnson, autor de artigos publicados na revista britânica *Spectador*. Johnson indica os 7 pecados capitais da imprensa: 1 - distorção, deliberada ou inadvertida; 2- culto das falsas imagens; 3 – invasão da privacidade; 4 – assassinato de reputação; 5 – superexploração do sexo; 6 – envenenamento das mentes das crianças; 7 – abuso de poder. Marcondes Filhos acrescenta outros (BUCCI, 2000, p. 135): apresentar um suspeito como culpado; vasculhar a vida privada das pessoas [...]; publicar o provisório e o não confirmado para obter o furo; filmar ou transmitir um suicídio ao vivo.

Às duas classificações seria possível acrescentar o item superexploração da violência e da morte, temas divulgados em praticamente todos os jornais, impressos, televisados ou disponíveis na web. O mesmo Paulo Johnson, conforme Bucci (2000, p. 165) propõe dez mandamentos que devem nortear o trabalho dos jornalistas, entre os quais destaca: pensar nas consequências do que se publica; disposição para admitir o erro; respeitar e honrar as palavras; possuir impulso educador.

Sensacionalismo, caminho para ‘o sucesso’

A linha editorial de uma publicação é o fio condutor do que deve/pode ser noticiado. A maneira como são abordados determinados acontecimentos nos jornais aponta para duas inclinações. A primeira é aquela cujo conteúdo é empregado de maneira tradicional, onde o conservadorismo determina os critérios de noticiabilidade e, também, a maneira como o fato deve ser explorado no desenvolvimento da história. Já a



segunda tendência, de cunho sensacional, constrói as notícias baseando-se em critérios voltados ao apelo popular, cativando o leitor pela bizarrice, pelo estrondoso.

A prática sensacionalista tem no linguajar peculiar e no abuso de fotografias de mau gosto as suas características mais marcantes. Apesar de atrair público, caracteriza-se como uma afronta às pregações do chamado ‘jornalismo sério’. É necessário criterizar o que é relevante, daquilo que pode vir a chocar desnecessariamente o leitor. Por esse motivo, a fotografia é mais do que um artifício usado para ilustrar a reportagem, isso porque o valor agregado a ela é a primeira mensagem que chega ao receptor. Assim, sua grande responsabilidade consiste no fato de que com muita rapidez a foto induz “o leitor a uma associação de ideias ou de sentimentos” (GURAN, 1992 p.10).

Essa representatividade que a fotografia carrega aumenta ainda mais a responsabilidade do repórter fotográfico ao selecionar a imagem que será registrada. Mais do que a junção de uma ação mecânica e com os elementos de luz e exposição do filme, o ato fotográfico envolve a escolha correta de qual ângulo fotografar e qual o enquadramento que mais valoriza a mensagem que se deseja transmitir.

A função do repórter fotográfico, observa o autor (p. 19), pode ser dimensionada pelo pensamento de Cartier Bresson, quando este diz: “o fotógrafo tem sempre que buscar suas fotos com grande respeito pelo objeto fotografado e por si próprio. E por na mesma linha: a cabeça, o olho e coração.” As imagens exibidas pelos jornais têm apelos muito maiores e mais complexos do que estéticos. A questão social e ética, que envolve o uso de uma fotografia, precisa ter sua relevância considerada para evitar os abusos, que comumente preenchem as inúmeras páginas dos jornais. A exploração da temática violenta pela mídia é a forma mais usual de ver essas distorções serem cometidas.

Ainda hoje a violência é a principal matéria-prima do jornalismo sensacionalista. Esta é normalmente, de acordo com Yves (1989), transformada em espetáculo e serve para que o leitor, o espectador, dê livre curso aos seus sentimentos, quer sejam de revolta, medo, angústia. Segundo Marcondes Filho (1989, p. 13), a abordagem é o artifício utilizado “por alguns veículos impressos e programas televisivos, ditos ‘populares’, para vender seus produtos”, dentro de uma lógica de mercado cada vez mais competitiva.



O bizarro e o grotesco (SODRÉ; PAIVA 2002) continuam a fazer sucesso nos veículos de comunicação⁵ e no jornalismo, que se pauta pelo novo, pelo incomum. A publicação de algumas notícias, que seriam consideradas irrelevantes, deve-se, em muitas situações, ao fato do efeito que provoca no público. Diferentemente do que alguns acreditam, a violência sensacionalista está presente em todos os tipos de jornais. O diferencial consiste na maneira como é conduzida a exploração do assunto, seja através de artifícios linguísticos, gráficos ou imagéticos.

Segundo Angrimani (1995, p. 54), “ainda que o leitor do jornal ‘sóbrio’ queira conhecer todos os detalhes de um crime chocante, esse mesmo leitor, certamente, vai protestar ao se defrontar na mesa do café da manhã com uma foto mais ‘reveladora’, mais ‘real’.”

O Jornal

O Diário do Litoral (Diarinho) vai às bancas seis vezes por semana, incluindo a edição de final de semana. As notícias e reportagens são distribuídas em 19 páginas, excetuando-se a edição de segunda-feira, que tem apenas 15. São sete editorias fixas: opinião, polícia, geral, serviços, região, portos e economia, variedades, registros (o espaço do leitor) e esportes. Polícia, páginas 5, 6 e 7, e esporte são as duas principais editorias do jornal. Só a capa do jornal é colorida. Nela são estampadas diariamente as principais ações da política e a violência praticada na região do Vale do Itajaí. É extremamente apelativa e costuma abusar no uso de cores: vermelho, preto, amarelo, cinza.

O centro ótico desta página é utilizado geralmente na composição de uma foto grande, acompanhada da respectiva manchete. O segundo destaque aparece, às vezes, sem fotografias. É comum abrir caixas de textos em forma retangular na cor preta e manchetes na cor branca para noticiar a violência, o que também não deixa de causar impacto. No canto esquerdo, em uma coluna, há normalmente cinco pequenas manchetes e a parte inferior da capa é preenchida por publicidades.

O conteúdo do jornal é regional, um dos motivos que faz dele ser o mais lido no Vale do Itajaí. A maneira particular como o Diarinho elabora suas mensagens

⁵ “Em outubro de 2000, causou celeuma a exibição pelo ‘Programa do Ratinho’ de cenas em que uma criança de três anos era espancada e torturada por um adulto, até defecar”. (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 13). Os autores trazem muitos outros exemplos do uso do grotesco na mídia televisa que servem para confirmar que este é ainda um assunto recorrente nos meios de comunicação.



jornalísticas é o que motivou o desenvolvimento da análise. O que vai à capa todos os dias, é o que a equipe acredita ter mais apelo popular. Esta página espelha a editoria de polícia. Quer dizer, o jornal, na primeira leitura que se faz, é praticamente de assuntos policiais, o que, de certa forma, constitui uma enganação. Em cada edição há em média sete chamadas principais, e entre essas quatro ou cinco referem-se a conteúdos violento. (ver tabela abaixo).

A exposição da violência na capa

Tomando em conta a análise realizada no período de 17 de maio a 05 de julho de 2007, é possível afirmar que 80,63% das manchetes de capa abordam o tema violência. O assunto ocupa 95,3% das manchetes principais da capa. Neste espaço, durante todo o período analisado, só um assunto positivo foi publicado neste espaço, no dia 8 de junho - a Procissão de Corpus Christi -, com foto de 20 X 21 cm. A imagem mostra os religiosos em procissão. Esta chamada central, contudo, vinha acompanhada, na margem esquerda, por outros temas: *Menorzinho assaltante vai parar na cadeia, em palhoça; Vovô leva facadas [...]; Motoqueiro morre em hospital após cacetada; Caiu com 31 pedras de crack em pleno Itajaí; Safado que filmava as vitrines é engaiolado.*

Convém salientar que das manchetes principais envolvendo o tema violência, nas 32 edições pesquisadas, quatro tratavam de acidentes automobilísticos, cinco de morte - espancamento, incêndio, vítimas de tiroteios, 14 eram sobre prisões de bandidos e apreensões de drogas, uma tratava do desleixo administrativo e outra de irregularidade sanitária no município de Itajaí.

As fotos sobre violência também tem predominância na capa, 90,93% de assuntos repercutidos na editoria de Polícia. Ao comprar o jornal, o leitor acredita que o periódico disponibilizará outras fotos sobre o assunto manchettato – ele “muitas vezes se decepciona”. A edição acaba ludibriando seu público.

A violência também pode aparecer em outras sessões, mas é raro. A linguagem chula e os palavrões povoam todas as páginas da publicação. Os jornalistas da empresa parecem competir para ver quem consegue montar as frases mais esdrúxulas, tais como: *Olha o globo destruído, não é coisa de quem tem a mãe no puteiro (29/06/07), Leão mete 4 no meio do fiofó do Jacaré* (notícia sobre o jogo do Avaí – 21 de maio de 2007) e *PF investiga quem deu para quem na RBS*. Coisas deste tipo são muito comuns no



jornalismo praticado pelo Diarinho. A fórmula parece ter dado sucesso e é isso que basta.

A atuação da polícia no combate ao crime é assunto corriqueiro no Diarinho. A polícia é, em geral, a principal fonte jornalística e as ações policiais sempre ganham destaque. As fotos, com frequência, mostram ‘bandidos’, presos e policiais em “ação”. Em 21 capas analisadas aparece pelo menos uma fotografia de bandido. Há edições, como a do dia 1 de junho de 2007, em que sete fotos são de presos; quatro em uma matéria *Enjaulados golpistas do comércio de Itapema* e outros três ilustrando a notícia *Bandidos invadem loja e são presos na saída*. As fotos usualmente são de pessoas que a polícia acredita estarem envolvidas em assaltos e homicídios. Neste item, ressaltar o que observa a Ética Jornalística: não se deve acusar ninguém até que se tenham as provas sobre o seu envolvimento no crime.

A exaltação da violência é tanta, que o jornal acaba transmitindo uma visão enganosa sobre a cidade e a região do Vale do Itajaí. Das capas analisadas, 100% delas tratam de acontecimentos violentos. Em oito delas, o espaço ocupado pela notícia era maior que o apresentado nas páginas internas do jornal. O jornal estimula o comprador com sua capa repleta de violência e manchetes sugestivas. Porém, nem tudo que é prometido na capa é cumprido. Muitas vezes, uma grande manchete transforma-se em texto de uma coluna, sem fotos, nas páginas internas.

Um exemplo deste disparate entre o tamanho da manchete e o texto pode ser encontrado na edição do dia 14 de junho de 2007. Na notícia: *Morador dos Espinheiros leva dois tiros quando tirava cochilo*, a foto, que ocupa quatro colunas, é de um homem, vestindo calção curto e branco. A atenção é no sangue, num filete de sangue ‘escorrendo’ pelo umbigo. A vítima está deitada sobre uma maca, sendo atendido por profissionais da saúde. A foto de capa ocupa 21 X13 cm. Os editores apostaram nesta imagem para faturar. Não se importaram com as repercussões ou mal estar que ela poderia causar, por exemplo, aos familiares da vítima.

A matéria é publicada em página par e em espaço restrito. O leitor que compra o jornal interessado em saber mais sobre a história acaba se frustrando, isso porque a notícia é pequena, incompleta e vaga, tanto que não rendeu mais do que 34 linhas de uma única coluna, situada na página 6 do periódico e sem fotos.

Este exemplo demonstra a força da imagem nos critérios de seleção do Diarinho. Das capas analisadas, quatro expõem cadáveres como fato principal. Quando há sangue, o jornal não poupa em mostrá-lo. Mas, a falta de um corpo não preserva o leitor de

outras imagens desagradáveis. Em 19 de junho de 2007, o Diarinho estampa a foto de uma vítima de um acidente com um contêiner. *Motoqueiro esmagado por contêiner teve alta*. A foto, grande, é de um homem triste e pensativo na cama. Ele está com suas pernas amputadas e o que restou de uma delas, está enrolada com gaze.

Imagens dramáticas tocam o leitor e os editores sabem. Por isso, abusam do seu direito de informar à população. Eles se esforçam para sensibilizar e até mesmo fazer com que as pessoas se identifiquem com a dor alheia, assunto trabalhado por Sontag (2003) no livro *Diante da dor dos outros*. A autora explica que [...] se tem sangue vira manchete, reza o antigo lema dos jornais populares e dos plantões jornalísticos [...] aos quais se reage com compaixão, ou indignação, ou excitação, ou aprovação [...] (SONTAG, 2003, p. 37).

A exploração da dor e a manifestação sensacionalista do jornal aparecem na publicação de outros momentos. Por exemplo, na notícia de 3 de julho de 2007, a foto de capa ocupa 13 X 21 cm e revela uma pessoa estirada no chão (a cabeça dela aparece na borda inferior da fotografia). Há sangue no nariz, testa e no chão batido. É forte o apelo visual e, certamente, tem uma finalidade: emocionar quem vê. A mesma foto é apresentada na editoria policial, na página 5. Título da Matéria: *Pedreiro é executado com tiro na cabeça*.

No dia 28 de junho, a cena principal é de alunos sobre um caixão (na capa e página interna). Eles velam o corpo dentro da igreja. A Manchete: *Professor é assassinado na frente dos alunos*. No dia 4 de junho, a atenção foi ao seguinte assunto: *Aniversário macabro em Itajaí. Aniversariante é executado com quatro tirambaços*. A foto mostra um homem no chão e muito sangue aparece em sua cabeça, que está parcialmente ocultada na foto, pois o fotógrafo queria dar o detalhe do facão, arma utilizada pela vítima para se defender. A imagem é chocante e foi bem explorada. Na editoria específica (de polícia) aparece a foto inteira e no rosto da vítima há muito sangue.

Estes são apenas alguns exemplos, dos inúmeros retratados pelo Diarinho ao seu público. O jornal apela e adota uma postura muitas vezes condenável. Além de evidenciar o mundo do crime na região, explorar dramaticamente as fotos, normalmente também se coloca na posição de juiz, julgando as pessoas antes mesmo de checar se cometeram ou não os crimes que procura evidenciar em suas páginas. Os pré-julgamentos e a publicação de fotos como estas discutidas anteriormente, são questionadas por pesquisadores pelo fato de contrariar, muitas vezes, os interesses



públicos. Como observa Gomes (2004, p. 53), as empresas jornalísticas e os jornalistas são convidados a fazer julgamentos e esses “muitas vezes oscilam entre a probidade e o sensacionalismo. Tal julgamento demanda uma posição ética [...]”. Em relação às fotos e reportagens sobre violência, é possível dizer que parte das notícias publicadas pelo periódico, acaba ferindo princípios éticos e morais: mostrar o cadáver, além de impactar o leitor, acaba desrespeitando os direitos da família da vítima que não aprova esta exploração pública. Como diz o código profissional, é fundamental que se tratem com respeito as pessoas e as fontes envolvidas nos acontecimentos. Como diz Gomes (2006) não dá para misturar fatos e juízos de valor, coisa que o Diarinho é especialista.

Ao mesmo tempo em que procura sensibilizar e envolver os leitores na desgraça e sofrimento dos outros, o Diarinho, por vezes, investe na defesa dos pobres, dos perseguidos, dos sem qualquer coisa. E isso também é expressado nas fotos, como por exemplo as do dia 22 de junho de 2007, na matéria: *Prefeitura taca a marreta nos barracos da invasão*. O texto narra sobre duas casinhas que foram *pro sacco ontem pela manhã na rua Israel de Almeida* e relata que os *invasores tão cada vez mais revoltados*.

A notícia é complementada por fotos que denunciam o momento em que os militares vão expulsar os moradores. Na imagem, centralizada na capa, os policiais fardados estão com armas em punho, diante de crianças e pessoas humildes, o que é bastante sugestiva.

Sempre que pode o Diarinho se posiciona contra os poderes constituídos, prefeituras, órgãos públicos e governo de estado, em defesa dos desfavorecidos. Há vários exemplos disso. E o jornal não se importa muito com a situação, mesmo que ela seja irregular ou ilegal. Se há sofrimento, ela procura exprimir isso e colocar a população, os leitores ao lado dos mais fracos. O jornal, muitas vezes, procura subverter a ordem das coisas, a proporcionar uma anarquia ao seu gosto e prazer. Sem excluir o fato de que adora ridicularizar pessoas, principalmente políticos de oposição a linha editorial ou à percepção política do dono e editores do jornal.

Segundo Santos (2008), o Diarinho mudou muito. Ele agora já não é tão contundente e tem mais cuidado com o que vai publicar. Na época do Dalmo (quando o dono do jornal era vivo), as notícias eram mais apelativas e bombásticas. Ele exemplifica, apresentando duas manchetes que foram alvo de muita polêmica:

- *Mendigo pego batendo punh... na porta da Igreja*

- *Advogado bicha da prefeitura será enterrado hoje*



Mesmo que o Diarinho tenha se modificado nos últimos anos, fato defendido por Santos (2008), ele ainda comete muitos pecados éticos, pecados que se expressam nos títulos das matérias, na forma como é narrada a história, no tratamento das fontes e, principalmente na exploração das fotos, que tem por hábito mostrar o lado ruim da região do Vale do Itajaí. Abusa na diagramação, nos usos de termos chulos, na angulação das matérias e no desrespeito às pessoas, sejam bandidos ou ‘mocinhos’. Tem sangue, tem morte, vale publicar, mesmo que sejam mortes naturais, como foi o caso da notícia de 11 de junho de 2007, que mostra a situação deprimente de um mendigo que morreu dentro de um banheiro de uma mulher, em Canhanduba. *Andarilho tava apagado em banheiro [...] gari abriu a porta do banheiro do boteco pra fazer a faxina e o defunto caiu em cima dele*

A história pode até ser boa, mas a forma de explorar o assunto, que é satirizado, não é nada agradável. E quando não há fotos, o negócio é apelar para outros recursos gráficos, como aconteceu em 22 de maio de 2007. Um grande retângulo preto, na capa, traz a chamada em letras brancas: *Médico espanca e estupra mulher que pediu carona. Depois da sessão de violência, cara dormiu como um anjo na cama do motel. Foi preso em flagrante, mas [...] liberado da cadeia.* Apesar de chamativa, a manchete não merecia tanto espaço, principalmente devido à ausência de imagem. Mas esse desfalque, como se viu, pode ser compensado, inclusive com palavras que causam efeitos - espanca e estupra.

Considerações finais

Em linhas gerais, poderia se concluir que a ênfase sensacionalista do Diarinho está nas imagens, mas o seu conteúdo é, também, complementado por manchetes e textos apelativos. É isso que caracteriza o jornal e que o diferencia dos concorrentes. A fórmula parece continuar dando resultado, pois o jornal circula na região do Vale do Itajaí há quase trinta anos.

Apesar de questionado eticamente, em vários trabalhos acadêmicos por adotar uma postura jornalística questionável, o Diarinho continua a circular e a atrair o leitor com fotos e notícias chamativas. O carro-chefe desse sucesso editorial, expresso no número de exemplares vendidos diariamente, é a violência. A capa - vitrine do jornal -, é recheada por sangue, morte, crimes, denúncias e brigas. A impressão que passa, é que o jornal é destinado exclusivamente a assuntos de polícia. A capa é desenvolvida de



maneira a criar esta impressão, o que é uma ilusão. Na verdade, apenas três páginas são dedicadas ao tema.

Apesar da linguagem utilizada, os deslizos contra os bons costumes e as normas éticas, o Diarinho (que circula no litoral norte de Santa Catarina e na região da Grande Florianópolis) parece ter boa aceitação. Os leitores compram o jornal, acredita-se que isso se deve as suas peculiaridades sensacionalistas. Pois, além de explorar a violência por meio da fotografia, o periódico adiciona às notícias uma linguagem popularesca ou chula, com o uso de termos inapropriados ao Jornalismo profissional. É isso que caracteriza o jornal e o que parece ‘encantar’ o público, cansado do modelo de imprensa tradicional e comprometido politicamente (isto não quer dizer que ele não tenha suas preferências políticas).

O Diarinho investe na divulgação de homicídios, acidentes, brigas, corrupção, prisões de bandidos, mais que os outros jornais do Estado, ou pelo menos de forma diferente. Se ele mudar sua linha editorial, pode deixar de vender e comprometer todo o seu projeto editorial/comercial.

É evidente a preferência por violência. Pode-se dizer que o Diarinho cria uma imagem errada do Vale do Itajaí. Quem não conhece a região terá a impressão, por exemplo, que a cidade de Itajaí é extremamente violenta. O que não é verdade. Por outro lado, o jornal acaba ocultando o progresso e as boas ações que acontecem no município. Na verdade, os assuntos até podem ser pautados, mas dificilmente aparecem na capa.

Quer dizer, o litoral catarinense não se enquadra na “imagem” que o Diarinho pinta diariamente da região. Claro que existem crimes em Itajaí e em outras cidades catarinenses, contudo eles não têm a dimensão que o impresso procura passar aos cidadãos catarinenses.

A forma como o jornal explora a violência e como retrata crimes, levado muitas vezes por interesses comerciais, choca a todos, mas, principalmente, os familiares da vítima. Ver o ente querido estirado no chão, com três ou quatro “balaços”, é cruel. É uma maneira grotesca de marcar, nas páginas do jornal, a vida das pessoas. A exploração exagerada desse tipo de acontecimento acaba ferindo a ética profissional. Esta deixa claro que é “dever do jornalista fazer a divulgação de fatos que sejam de interesse público” e “de respeitar o direito à privacidade do cidadão”.

Mas o jornal, também, comete outros delitos e desrespeitos a regras básicas do jornalismo como: editorializar o assunto, omitir fatos, atentar conta a intimidade das



pessoas, publicar informações não devidamente comprovadas, fazer pré-julgamentos, dar ênfase a apenas um aspecto da informação, não ouvir várias fontes, divulgar informação incompleta, supervalorizar notícias de cunho sensacionalista. Em síntese, muitos destas condições para o desenvolvimento do bom jornalismo não são preenchidas pelo Diarinho do Litoral.

Referências bibliográficas

ANGRIMANI, D. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa:Edições 70, 2000.

BARROS FILHO, C. de. **Ética na comunicação**. 5 ed. São Paulo: Summus, 2003.

BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

DIARIO DO LITORAL. Itajaí, 2004. ed. 6574.

Disponível em <http://www.diarinho.com.br/cgi-bin/arquivo.pl?d=23&m=3&a=2004>. Acesso em: 01 outubro 2006.

GOMES, M. R. **Ética e jornalismo**: uma cartografia de valores. São Paulo: Escrituras, 2004.

GURAN, M. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

KARAM, F. J. C. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

SANTOS, H. F. dos. **Entrevista concedida pelo professor do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí**. Curso de Jornalismo, mar. de 2008.

SODRÉ, M.; PAIVA, R. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro:Maud, 2002.

SOMMER, Vera; GOLEMBIEWSKI, Carlos. **Diário do Litoral**: 26 anos de história no Vale do Itajaí. Proppex, 2005.

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

YVES, Michaud. **Violence at Politique**. Col. 'Les Essais', Paris: Gallimard, 1978.